

Pilotos ‘atacam’ general

Desiludidos e desmotivados escrevem ao chefe de Estado-Maior

CARLOS ABREU

Exaustos e mal pagos. É assim que se sentem dezenas de pilotos-aviadores da Força Aérea que, em carta enviada ao chefe do Estado-Maior da Força Aérea, general José Pinheiro, manifestam-se disponíveis para ajudar a resolver os problemas agravados, ano após ano, pelas saídas para as companhias civis.

No documento a que o Expresso teve acesso, a direção do Colégio dos Pilotos-Aviadores da Associação de Oficiais das Forças Armadas (AOFA), que diz representar metade das cerca de duas centenas de pilotos no ativo, destaca três pro-

blemas: “Excesso de trabalho; falta de tempo familiar e remuneração insuficiente.” Alertam ainda para o “notório agravamento dos riscos que, dia a dia, são assumidos de forma cada vez mais leviana”. E dão um exemplo: “A nomeação para voos de tripulações desqualificadas na missão ou operações a decorrerem em ambientes de risco sem que haja, por vezes, uma aeronave de alerta para efetuar um salvamento, caso haja necessidade”, numa clara alusão às missões de busca e salvamento realizadas nas regiões autónomas.

“A desilusão, frustração e desmotivação são bem visíveis nas esquadras operacionais”, escrevem os pilotos na carta

de três páginas com data de 15 de janeiro, onde dizem estar disponíveis para se reunirem com o general José Pinheiro, também ele piloto-aviador. Até ao momento não obtiveram resposta, mas o Expresso sabe que, em breve, será marcada uma reunião com presidente da AOFA, coronel Pereira Cracel.

Na semana passada, à saída de uma audição na comissão parlamentar de Defesa, o chefe do Estado-Maior da Força Aérea manifestou-se preocupado com a “questão dos pilotos” que classificou como “recorrente” e garantiu que estava a “tentar encontrar junto da tutela [Ministério da Defesa Nacional] as melhores soluções para reduzir o impacto desse problema”.

Fruto do seu empenhamento e sacrifício pessoal e familiar, estes militares garantem que “a Força Aérea não deixa de cumprir a missão”. A falta de pilotos qualificados obriga alguns militares “a terem semanas com 90 horas de trabalho e anos com 4200 horas de serviço” com a consequente “falta de tempo familiar”. “Tem-se constatado que os problemas familiares e divórcios são uma realidade comum no seio dos tripulantes”, pode ler-se na carta.

“A solução não é fácil mas é preciso que haja coragem política para resolver este problema”, disse ao Expresso o capitão João Teixeira que preside ao colégio de pilotos da AOFA.

cabreu@expresso.impresa.pt